



GLOBALIZAÇÃO EM SALA DE AULA: CONTRIBUIÇÕES DE PRÁTICA DE ENSINO EM GEOGRAFIA NA PANDEMIA DE COVID19

Victor Angelo Falasca
falasca.victor@gmail.com¹

Resumo

O ensino de Geografia se estabelece em paralelo, porém não necessariamente distante, do que denominamos de Geografia Acadêmica. Neste sentido muito se discute como o diálogo entre estas duas dimensões da geografia devem ocorrer e quais metodologias podem ser desenvolvidas para garantir tanto os objetivos estabelecidos pelos professores de Geografia quanto as reflexões acerca das contribuições dos autores utilizados no meio acadêmico por esses mesmos professores em seu período de graduação. Dentro deste movimento, este trabalho tem como objetivo refletir acerca do papel da Geografia em sala de aula bem como compartilhar experiências de práticas de ensino durante o contexto da pandemia de COVID19 e as limitações existentes neste cenário para o professor de Geografia e a escola como um todo. No que diz respeito a formação do estudante enquanto sujeito e cidadão no processo de produção do espaço geográfico, se propõe neste trabalho uma experiência de prática de ensino a partir das contribuições de Milton Santos acerca da globalização e o desenvolvimento de espaços luminosos e espaços opacos e a desigualdade proveniente desta relação na produção do espaço urbano no cotidiano dos estudantes a partir de aulas remotas.

Palavras-chave: Ensino de Geografia, Globalização, Prática de Ensino.

Introdução

A geografia enquanto disciplina escolar se estabelece em objetivos que permeiam os saberes no contexto da formação dos sujeitos em diferentes níveis e dimensões no que diz respeito a suas práticas de ensino e construções epistemológicas. Os estudos pautados na produção do espaço são discutidos de maneiras conceituais em sala de aula, com discursos distantes do cotidiano dos estudantes não tornando claro o quanto estas análises propostas tanto pelo currículo escolar quanto pelos livros didáticos são significativas a realidade do estudante e suas experimentações em seu espaço vivido. Neste sentido, as reflexões acerca da denominada geografia urbana como saber a ser desenvolvido na escola da educação básica se consolidam como um dos objetivos fundamentais no ensino da geografia.

Segundo Cavalcanti (1999), a geografia em sala de aula tem como objetivo contribuir com a formação cidadã dos estudantes, conceito este bastante conflituoso tendo em vista o histórico

¹ Estudante do programa de pós-graduação em Geografia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) – Campus Sorocaba, Orientador Pedagógico da Escola Municipal Renice Seraphim de Sorocaba São Paulo, Brasil; falasca.victor@gmail.com



brasileiro na concepção da cidadania concomitante com seu desenvolvimento territorial e econômico. Milton Santos aponta que a cidadania no Brasil é carregada de problemas estruturais, pois com o desenvolvimento territorial e econômico do país este conceito começa a sofrer interferências dos padrões estabelecidos pelas forças hegemônicas da economia, tornando a ideia de cidadão algo muito próximo do conceito de consumidor, retirando do cidadão sua concepção de sujeito no território e na sociedade. (Santos, 2007, p25). Esta ideia de usuário, inclusive, se desdobra na utilização das novas tecnologias apresentadas em ferramentas digitais de educação, dando ainda mais conotação distorcida para o cotidiano dos estudantes que ainda tentam compreender a cidadania e seu papel enquanto sujeitos no mundo.

Com o estabelecimento do ensino remoto nas escolas do Brasil a partir da pandemia de Covid19 e dos decretos de quarentena muitas discussões acerca do que seria viável enquanto prática de ensino foi colocado em discussão por diversos setores tanto das escolas de educação básica quanto das universidades do país e do mundo. Tendo como cenário o Colégio Politécnico de Sorocaba, uma escola da rede privada de ensino do município de Sorocaba localizada no interior do Estado de São Paulo, no ano de 2021 e já com o ensino remoto estabelecido desde o início da quarentena no ano de 2020, foi possível desenvolver sem interrupções e problemas técnicos consideráveis qualquer tipo de comunicação remota entre os estudantes. O segundo ano do ensino médio no primeiro semestre de 2021 tem como conteúdo programado para a disciplina de Geografia o tema “Globalização”, o qual foi escolhido para o desenvolvimento de uma prática de ensino específica.

A escola do século XXI se encontra com diversas realidades informacionais que simultaneamente contribuem e intensificam contradições para o processo de aprendizagem, pois ao mesmo tempo que as informações se encontram disponíveis em velocidades surpreendentes também há uma grande dificuldade por parte dos alunos, e de muitos professores, de condensar essas informações e produzir uma análise crítica em relação ao tema. É necessário um olhar diferenciado para o contexto da globalização dentro da sala de aula e um cuidado sensível no que diz respeito em como estes conteúdos devem ser discutidos mediante não somente o contexto apresentado neste cenário da quarentena, mas também em todo cenário possível.

Em um cenário de baixa interação entre os estudantes, os professores e a própria sala de aula os desafios para tornar a educação significativa e satisfatória se acumulam com os demais



problemas sociais e econômicos do contexto vivido. A escola simultaneamente está presente dentro da casa de todos, mas distante fisicamente, perdendo seu apelo espacial que convida os sujeitos que dentro dela estão para serem absorvidos pelos seus objetivos. Se faz necessário encontrar soluções para superar esses desafios, bem como estimule os estudantes a manterem seus interesses pela construção do saber.

A globalização em sala de aula: reflexões acerca do tema como conteúdo e prática de ensino

Pensar o ensino de Geografia na educação básica exige uma reflexão sobre metodologia e uma discussão epistemológica. Ao pensar maneiras de abordar este tema na escola o primeiro ponto atribuído são suas conceituações, como por exemplo o conceito de cidade, cidadão, centro, periferia etc.

Estes temas são, sem dúvida alguma, fundamentais para esclarecer diversos assuntos referentes à Geografia, porém uma mera apresentação conceitual não é suficiente e não atinge os estudantes de maneira satisfatória quando pensamos na significação dos conceitos em seu cotidiano. A conceituação é fundamental, mas exige um confronto deles com os diferentes cotidianos apresentados em sala de aula por cada estudante, inclusive a “formação de conceitos geográficos instrumentalizadores do pensamento espacial é meta a ser buscada no ensino de geografia”. (CAVALCANTI, 2016)

Tendo em vista a necessidade do confronto dos conceitos com o contexto vivido pelos alunos, uma das maneiras efetivas de abordar estes temas é através de práticas de ensino, colocando o estudante no centro desta discussão e tornando-o produtor do conhecimento simultaneamente que o aprende. Se faz necessário buscar atividades que provoque no aluno o sentimento de investigação e participação ativa. Um bom ponto de partida é, justamente, a reflexão acerca de lugar e território na perspectiva de Milton Santos.

No que diz respeito ao território, Santos afirma que o território não pode ser usado isoladamente como uma categoria de análise, pois, a partir de suas particularidades encontramos uma nova concepção dele:

[...] “o território, em si mesmo, não constitui uma categoria de análise ao considerarmos o espaço geográfico como tema das ciências sociais, isto é, como questão histórica. A categoria de análise é o território utilizado.” (SANTOS, SILVEIRA. 2001)



Partindo deste pressuposto o território se concebe a partir da apropriação dos sujeitos em relação a ele através do uso, desvinculando aquela visão clássica de Ratzel sobre uma apropriação do Estado, ou de um agente formalizado e hegemônico e completa: “É deste modo que se pode dizer que o espaço é sempre histórico. Sua historicidade deriva da conjunção entre as características da materialidade territorial e as características das ações” (SANTOS, SILVEIRA. 2001)

Ao tratar do conceito de lugar, Santos aponta uma particularidade da vida cotidiana em que é possível exercer uma análise mais íntima, pois é simultaneamente um conceito material e imaterial (SANTOS, 1996).

Partindo do território utilizado e do lugar diversas análises tendem a tomar forma na visão analítica do estudante, pois seus significados relacionam-se diretamente com o cotidiano e deixam de parecer algo distante, sem sentido ou até mesmo sem objetivo, coisa bastante comum em temas que partem de uma análise em nível global como é o caso da Geopolítica e da Globalização, presentes em um cenário de discussão sobre cidades globais e metrópoles.

A globalização foi tema de diversas contribuições de Milton Santos e em suas obras a definição de globalização é concebida como um fenômeno inserido no período técnico-científico-informacional e propõe uma lógica analítica:

De fato, se desejamos escapar à crença de que esse mundo assim apresentado é verdadeiro, e não queremos admitir a permanência de sua percepção enganosa, devemos considerar a existência de pelo menos três mundos num só. O primeiro seria o mundo tal como nos fazem vê-lo: a globalização como fábula; o segundo seria o mundo tal como ele é: a globalização como perversidade; e o terceiro, o mundo como ele pode ser: uma outra globalização. (SANTOS, 2018, p.18)

O meio técnico-científico-informacional é apontado por Milton Santos tendo início após a Segunda Guerra mundial e com desdobramento e afirmação em meados dos anos 70 daquele século. O meio é caracterizado como a união entre a ciência e a técnica desenvolvidos nos países centrais da economia capitalista tendo como delimitador e organizador de sua lógica o mercado, fruto das relações de poder destes mesmos países. É nesta caracterização que fica claro o papel do mercado em estimular e orientar a técnica e a ciência em favor dele mesmo para que fosse possível sua consolidação global. A informação aparece como o catalisador da relação entre a ciência e a técnica submetidas para o mercado, logo “[...] O meio técnico-científico-informacional é a aparência geográfica da globalização” (SANTOS, 2002, p.238).



Nestes parâmetros apenas apresentados como conceitos a dinâmica em sala de aula parece não atingir seus objetivos de aprendizagem mesmo utilizando exemplos bastante claros dessa situação, o que evidencia uma necessidade de aproximação entre o que é denominado conhecimento acadêmico e a sala de aula.

A prática de ensino que pretende trabalhar conceitos fundamentados em Geografia pode ocorrer de diferentes maneiras e em diferentes situações, mas a contextualização deles com a realidade do estudante deve ser um objetivo comum no processo. As reflexões de Milton Santos no que diz respeito a globalização se desenvolvem através de muitos outros subtemas que são apresentados pelo autor em suas obras, então uma estratégia viável para direcionar estas reflexões em sala de aula seria coordenar atividades que dialoguem com esses subtemas, possibilitando que o estudante possa visualizar o conceito de globalização a partir destas práticas não somente em aulas teóricas e expositivas, mas também exercendo suas próprias percepções do que é explicado em uma atividade prática.

Santos (2006) define que existe uma inserção desigual do fenômeno de globalização no espaço geográfico e para exemplificar essa diferenciação utiliza dois termos que são imageticamente bastante explicativos: **espaços luminosos** e **espaços opacos**:

Chamaremos de espaços luminosos aqueles que mais acumulam densidades técnicas e informacionais, ficando assim mais aptos a atrair atividades com maior conteúdo em capital, tecnologia e organização. Por oposição, os subespaços onde tais características estão ausentes seriam os espaços opacos. Entre esses extremos haveria toda uma gama de situações. Os espaços luminosos, pela sua consistência técnica e política, seriam os mais suscetíveis de participar de regularidades e de uma lógica obediente aos interesses das maiores empresas. (SANTOS, 2006. p264)

Nesta concepção do autor a diferenciação pode ser visualizada em diferentes escalas e em diferentes situações, o que torna esta conceituação bastante pertinente para uma dinâmica escolar. Em uma situação bastante prática a utilização de mapas interativos pode contribuir com a exemplificação do conceito.

O site *Flight Radar 24* é uma ferramenta de acompanhamento de voos comerciais que monitora todos os voos em tempo real que estejam regulamentados em seus devidos países. No acesso é possível, inclusive imageticamente, confirmar os apontamentos de Milton Santos sobre a questão da desigualdade na globalização



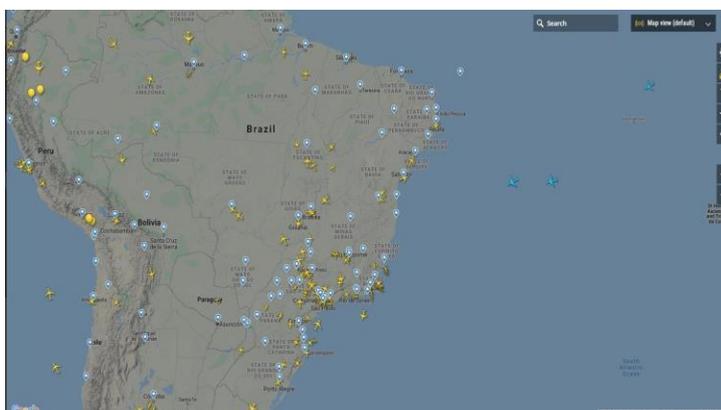
Figura 1 - Mapa da rota de vôos comerciais em tempo real no dia 21/05/2021 em meio a pandemia de COVID19.



Fonte: <https://www.flightradar24.com/> (acesso em 21/05/2021).

A imagem 01 evidencia uma desigualdade de meios de transporte entre os denominados espaços luminosos e os espaços opacos, onde cada símbolo da cor amarela representa um voo comercial, tendo os Estados Unidos uma grande concentração de voos seguido da Europa e do extremo leste da Ásia, enquanto as demais localidades do planeta possuem apenas alguns pontos descontinuados com concentrações de voos.

Figura 2 - Mapa da rota de voos comerciais no Brasil em tempo real no dia 21/05/2021 em meio a pandemia de COVID19.



Fonte: <https://www.flightradar24.com/> (acesso em 21/05/2021).

Com a escala em nível nacional as diferenciações das regiões brasileiras na mesma questão também se tornam visíveis. Enquanto a região sul e sudeste possui uma considerável concentração de voos e acesso a este meio de transporte, as demais regiões brasileiras só manifestam ícones de interação com o mapa em suas capitais e regiões metropolitanas, dando ares de uma concentração de técnicas e serviços e intensificando a desigualdade do país no quesito regional (SANTOS, 2006. p268).



Para se pensar em uma prática de ensino sobre espaços luminosos e espaços opacos no nível do cotidiano dos estudantes as abordagens necessitam carregar em si um nível de autonomia em seu processo. Uma abordagem fotográfica é uma alternativa bastante viável dependendo do contexto em que a escola e aula se encontram.

No contexto desta atividade realizada durante a quarentena de COVID19 o estímulo pelo uso da fotografia em espaços públicos e abertos não foi estimulado por questões de segurança, logo o uso do site citado anteriormente somado a ferramenta “Google Street View” para que os estudantes expusessem seus exemplos foi a alternativa encontrada para se aproximar da ideia de fotografia.

Sob uma questão metodológica processual é possível usar o quadro 01 abaixo como exemplo:

Quadro 1 - Proposta metodológica processual da prática de ensino.

Introdução ao tema	Atividade prática	Exibição dos resultados
Apresentação teórica dos conceitos e exibição de exemplos em escalas globais e macro através de imagens, vídeos e diálogo com os estudantes	Propor aos estudantes que registrem imagens em seu cotidiano que representam os espaços luminosos e opacos a partir do que foi aprendido na aula teórica. Fotografias que apontem seu cotidiano para além do ambiente escolar Uso da ferramenta “Google Street View” como substituto da fotografia em razão da quarentena.	Solicitar aos alunos que apresentem suas fotografias em uma sequência de slides e que descrevam e apontem a localização geográfica destas fotografias com o uso de uma ferramenta cartográfica. Ex: Google Maps

As práticas de ensino devem provocar a curiosidade dos estudantes a partir de suas inquietações sobre seu cotidiano e, através da conceituação dos fenômenos contextualizados, torná-los críticos referente à racionalização imposta (FREIRE, 2015. p33).

Em uma prática de ensino que se propõe a provocar o estudante, tirá-lo de sua condição passiva do processo de aprendizagem, proporciona um protagonismo produtivo, já que durante a



construção deste conhecimento convida-o a observar seu próprio cotidiano com um olhar crítico, como sujeito proporcionando uma reflexão acerca não somente dos conceitos desenvolvidos, mas de todo o processo educativo que ganha significado na experiência adquirida.

Segundo Freire:

Assim é que, enquanto a prática bancária, como enfatizamos, implica uma espécie de anestesia, inibindo o poder criador dos educandos, a educação problematizadora, de caráter autenticamente reflexivo, implica um constante ato de desvelamento da realidade. A primeira pretende manter a imersão; a segunda, pelo contrário, busca a emersão das consciências, de que resulte sua inserção crítica da realidade. (FREIRE, 2015. p97-98)

O que Freire denomina de educação bancária está relacionado a uma prática de ensino apenas acumuladora de conteúdos, onde a reflexão não se torna um objetivo comum no ensino, enquanto a educação problematizadora tem por objetivo provocar o estudante à reflexão e desenvolver seu senso crítico, buscando sua concepção enquanto sujeito na sociedade.

O quadro 01 apresenta um tópico denominado de Exibição de Resultados e é justamente neste momento que o estudante tem a oportunidade de compartilhar suas conclusões nesta dinâmica proposta. O compartilhamento é necessário não somente como uma divulgação dos resultados obtidos, mas sim que entre os estudantes a possibilidade de aprendizagem seja coletiva e horizontalmente efetiva, sem uma visão clássica do professor como o único detentor de conhecimento no ambiente escolar, tornando todos os presentes fundamentais neste processo educacional.

Resultados obtidos

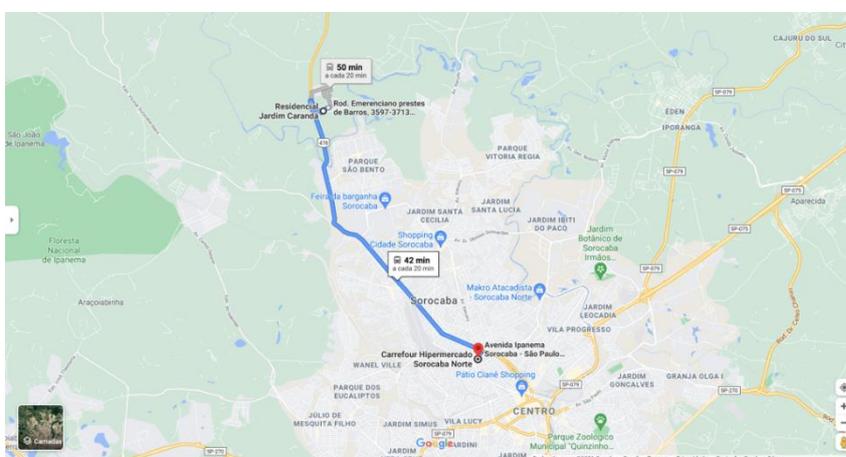
A partir de um cronograma de desenvolvimento deste conteúdo seguindo o quadro 01 como referência, a partir da apresentação das contribuições de Milton Santos acerca do tema muitos estudantes começaram a pedir a palavra pela plataforma virtual para contribuírem sobre suas conclusões e dúvidas acerca de suas experiências pessoais. O colégio Politécnico de Sorocaba tem como mantenedor a Fundação Ubaldino do Amaral, logo por questões de filantropia possui diversos estudantes bolsistas das classes mais baixas da sociedade frequentando as mesmas turmas dos estudantes pagantes, que possuem origens majoritariamente da classe média da cidade.

As contribuições levantaram diversas questões, principalmente sobre como a própria cidade de Sorocaba está configurada com investimentos desiguais em seus bairros tanto por parte



do poder público quanto da iniciativa privada. Avançando para a etapa da produção dos próprios estudantes, uma aluna decidiu compartilhar onde ela mora e debater sobre mobilidade urbana e acesso à serviços de diferentes modalidades. Com o uso do Google Maps ela fez um roteiro virtual de sua casa o hipermercado mais próximo de sua casa para que a classe compreendesse a dificuldade de locomoção de sua família para comprar alimentos e outros itens, já que o hipermercado mais próximo está localizado há aproximadamente 12km de distância, levando 42 minutos de ônibus para locomoção.

Figura 3 - Representação do trajeto que a estudante utilizou de sua casa até o hipermercado Carrefour, o mais próximo de sua residência.



Considerações finais

A abordagem de conceitos como os apresentados neste trabalho precisa não somente de uma reflexão metodológica, mas também de uma análise das diferentes escalas em que podem ocorrer. Este movimento metodológico na construção do conhecimento se faz necessário, pois no cotidiano as manifestações tomam forma e sentido significativo, enquanto nas escalas globais proporcionam o estudante a estabelecer conexões para além do seu campo visível material, compreendendo uma lógica maior e conectada ao seu contexto.

Os debates sobre Geografia em sala de aula também não podem omitir de onde estas contribuições surgiram, os autores utilizados precisam aparecer nominalmente no objetivo de tornar mais humana a relação entre os conteúdos e os sujeitos do processo de aprendizagem. Milton Santos como um geógrafo brasileiro não somente demonstra o importante papel do Brasil na construção do pensamento geográfico, mas também colabora com a representatividade de cientistas enquanto sujeitos em busca de compreenderem a sociedade.



O contexto pandêmico também trouxe novos desafios para a interação entre os estudantes, bastante desestimulados com aulas focadas em extensos monólogos por parte dos professores em aulas expositivas devido a muitas limitações que este período apresenta, mesmo em um cenário onde há recursos para que as aulas aconteçam remotamente.

Práticas de ensino são formas de repensar o processo de aprendizagem a fim de atingir objetivos que vão além da simples contemplação dos conteúdos propostos em documentos oficiais, pois visam colaborar de maneira efetiva que os saberes sejam aprendidos não simplesmente como etapas da escola, mas como conhecimentos na formação efetiva dos sujeitos dentro do processo educacional.

Referências bibliográficas

CAVALCANTI, L. **A cidadania, o direito à cidade e a geografia escolar - Elementos de geografia para o estudo do espaço urbano**. GEOUSP Espaço E Tempo (Online), 3(1), 41-55, 1999.

_____. **A Geografia escolar e a cidade** (Magistério: Formação e trabalho pedagógico). Papyrus Editora. Edição do Kindle, 2016.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 52ª ed - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 59ª ed - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, María Laura. **O Brasil. Território e Sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

_____. **A Natureza do Espaço: Técnica, Razão e Emoção**. 4ª Edição. São Paulo: Edusp (Editora da USP), 2002.

_____. **O espaço do cidadão**. São Paulo, Nobel, 1987

_____. **Por uma outra globalização: Do pensamento único à consciência universal**. 28ª ed. - Rio de Janeiro: Record, 2018.